

## CICLOS, PONTOS DE INFLEXÃO E CARREIRAS<sup>1</sup> [1952]

Everett C. Hughes

*Everett C. Hughes (1897-1983) foi um dos mais importantes cientistas sociais americanos, expoente da segunda geração da “Escola de Chicago”. Estudou entre 1923 e 1928 no Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago, tendo sido aluno de Robert E. Park. Foi, por sua vez, professor de sociologia nessa universidade entre 1938 e 1961, tornando-se referência fundamental para a geração seguinte da “Escola”, da qual fizeram parte Erving Goffman e Howard S. Becker, entre outros. Em 1963 foi presidente da American Sociological Association. Pesquisou e escreveu sobre muitos temas, como instituições, ocupações e relações raciais. Em 1971, Hughes reuniu 58 artigos produzidos ao longo de sua carreira em The Sociological Eye, que inclui o presente texto.*

Todo homem nasce, vive e morre num tempo histórico. À medida que ele percorre o ciclo da vida característico da nossa espécie, cada fase desse ciclo se junta com eventos no mundo. Em nossa sociedade, as sucessivas fases da vida do homem tendem a ser definidas em termos de suas relações com o mundo da escola e do trabalho: pré-escola, colégio, trabalho e aposentadoria. No entanto, algumas pessoas chegam à fase de trabalhar quando não há trabalho; outras, quando há guerras. Um homem pode, por exemplo, aprender o ofício de peleiro e abrir uma pequena loja num tradicional bairro do centro da cidade e logo ver que seu ofício e seu negócio se tornaram obsoletos devido a mudanças tecnológicas e econômicas, com os clientes migrando para bairros mais chiques. No mesmo momento, esse homem pode estar muito velho para aprender as novas técnicas e levantar o capital necessário para abrir uma loja sofisticada, embora ainda esteja jovem demais para se aposentar decentemente. Tais junções da vida de um homem com eventos, pequenos e grandes, são sua carreira singular e lhe causam muitos de seus problemas pessoais.

Mas nem tudo na vida de um homem é trabalho, e nem tudo em sua vida é singular, no sentido de ser muito diferente do curso da vida de outros homens. Há uma certa ordem na vida do homem numa sociedade. Uma parte dessa ordenação é aberta, intencional e institucionalizada; outra parte acontece sem que as pessoas saibam bem disso, até que sejam reveladas por uma pesquisa. A ordenação na nossa sociedade, como mencionei acima, é muito mais uma questão ligada à relação do homem com o mundo do trabalho. Também é verdade que nossas instituições de trabalho são altamente desenvolvidas e são, em grande medida, formalmente separadas de outras. Há um tempo e um local para o trabalho; tempos e locais para a vida familiar, lazer, religião e política. O ânimo e a disposição no local de trabalho são supostamente diferentes daqueles do restante da vida. O estudo do curso mais ou menos ordenado e previsível da vida de trabalho de um homem tornou-se um tema de grande interesse para vários ramos do mundo acadêmico. Alguns dos ensaios que se seguem neste livro têm a ver com carreiras justamente nesse sentido.<sup>2</sup> Este artigo, entretanto, trata das fases e dos pontos de inflexão de toda a vida de um homem. Está incluído neste volume de artigos sobre trabalho justamente por ver a vida de um homem como um todo, do qual o trabalho é apenas uma de suas facetas.

Cada cultura desenvolve um calendário, certo ciclo de dias, fases lunares, posições do sol e das estrelas, ou chuva e seca, calor e frio, de abundância e escassez; de plantio, crescimento e colheita das plantas; de nascimento, criação, crescimento e migração dos animais dos quais ela depende. Esses ciclos da natureza estão entrelaçados com o ciclo de trabalho e lazer do homem e com seus movimentos de um lugar para o outro. Antropólogos nos têm dado um rico conjunto de descrições desses ciclos entre povos ao redor do mundo, além da infinidade de ritos, festivais, exorcismos, entre outros, que marcam seus pontos de inflexão. Eles nos contam dos ciclos de temperamentos assim como dos de ocorrência natural, de períodos sombrios de desesperança seguidos de uma alegre renovação de vida e esperança. Uma tribo poderia, com seus mais poderosos rituais, obrigar o sol a parar sua viagem para o sul e retornar para o norte e, assim, trazer o verão de volta. Também poderia combinar abstinência, jejum, e penitência com seu mais impressionante cerimonial para fazer as chuvas virem depois da estação da seca ou fazê-las pararem antes que a terra se dissolva em umidade. Estamos todos conscientes da maneira pela qual os antigos ciclos do solstício e do

equinócio se tornaram parte do calendário cristão. Quer os ritos que acompanham as mudanças da roda do tempo entre tantos povos ao redor do mundo sejam ou não da essência da religião, certamente não se pode dizer muito sobre religiões sem levar em conta o calendário de ritos. E seguramente nenhum povo viveu muito tempo sem alguns agrupamentos estabelecidos que giram com o sol.

Todas as culturas também reconhecem e marcam, de formas variadas, o ciclo de vida biológico do indivíduo humano. O nascimento é assistido por ritos que reconhecem a existência social da criança e fazem dela um membro de seu grupo de parentesco e de sua comunidade. Ao mesmo tempo, seus pais são ritualmente transformados em pai e mãe e assumem a responsabilidade de desenvolver e treinar seus filhos para serem bons membros da comunidade. Outros ritos acontecem com frequência na puberdade, quando o pertencimento a um ou outro sexo passa a ser um assunto mais fatal; ou quando um garoto está pronto para ir para o mar, à guerra, ou à caça com os homens adultos. Começar um ofício, casar, envelhecer e morrer também são celebrados. Todos são casos de passagem de um status para outro, de uma combinação padronizada de obrigações e privilégios para outra, com os perigos e alegrias que os acompanham. Após a expressão de van Gennep, eles vieram a ser chamados de *rites de passage*, ritos de transição.<sup>3</sup> Às vezes a transição de um status para outro é considerada de tal importância que o candidato recebe instruções especiais sobre os cânones de conduta apropriados ao seu novo estado. Ele pode ser enviado numa jornada solitária em busca de uma visão, separado temporariamente das outras pessoas e das atividades normais, submetido a severas provações, obrigado a votos solenes. Ele pode ser obrigado a morrer simbolicamente como criança e renascer como homem. Por fim, ele pode reaparecer no mundo transfigurado, com um novo traje e, como São Paulo, usando um novo nome.

Além do ciclo biológico da vida do indivíduo estar assim relacionado ao ciclo social correspondente à sua posição na sociedade, também são levados em consideração ciclos ocasionais de temperamento e condição — isto é, coisas que, embora não sejam tão fixas em seu ordenamento quanto o são nascimento, puberdade, envelhecimento e morte, são eventos previsíveis para todos os homens, dadas as características da vida e da natureza humana. Alguém pode violar um tabu, cometer um pecado, ou fazer algum mal a outrem. Um homem

pode ficar doente e, em seu delírio, ver os espíritos dos mortos. Uma mulher pode se ver privada do homem com quem compartilhava seu lar e sua cama de forma tão íntima, como se ambos fossem um só. Tais coisas alienam um indivíduo dos outros homens e mulheres e da rotina e banalidade da vida. Muitas sociedades institucionalizaram essa alienação. Na Índia, a viúva pulava na pira funerária e se unia ao seu marido na morte. Mais comuns são os ritos para trazer a pessoa de volta ao mundo em seu devido tempo. Na parte francesa do Canadá, uma jovem viúva lamenta a morte do seu jovem marido por um certo período, inicialmente usando os mais severos trajes pretos, voltando aos poucos a usar trajes que sugerem que, embora ela seja uma mulher enlutada, sua juventude, beleza e fertilidade não devem ser desperdiçadas. Há um período e intensidade de luto apropriados a cada idade e posição do enlutado e daquele por quem se lamenta, bem como para todos os graus de parentesco. Em algumas sociedades, o luto acaba após um período determinado e num contexto cerimonial. A pessoa de luto se levanta, coloca novas vestimentas, e passa a viver mais uma vez entre os homens.

Mas em que medida a expressão institucionalizada apropriada se encaixa bem, em cada caso, ao pesar sentido pelo indivíduo de luto? Quantas vezes ela não passa de uma máscara hipócrita? Quantas vezes a expressão é insuficiente para um sentimento profundo? Quantas vezes a penitência fixada para um pecado cometido realmente liquida com o sentimento de culpa? Quantas vezes o rito acaba sem que haja qualquer tipo de arrependimento? São perguntas apropriadas, mas às quais não se pode dar uma resposta geral. Suponho que, se os ritos institucionais não mais correspondem razoavelmente bem aos ciclos e graus de sentimentos que acompanham as crises a que estão relacionados, teríamos que dizer que alguma coisa está deslocada na sociedade; isto é, que a realidade psicológica e a instituição social não apresentam mais uma boa relação funcional uma com a outra. De qualquer forma, algo muito significativo pode ser dito a respeito de ritos convencionais e institucionalizados que acompanham as pessoas em tais crises, e as transportam de uma fase de vida para outra: a saber, que na medida em que os ritos são praticados, não há tentativa de negar a realidade do ciclo de vida humano, nem das contingências e mudanças de status que ocorrem nele, e não há pretensão de que os ritmos de temperamento, culpa, tristeza e mágoa não ocorram. No entanto, receio que muitos de nós, na nossa cultura e no nosso tempo, tentem negar essas coisas,

exorcizar a realidade através do rito negativo de olhar fixamente na direção oposta, com o intuito de fingir que nada está acontecendo.

O número de fases do ciclo da vida social varia de sociedade para sociedade e pode ser alterado por vários tipos de mudança social. A passagem de uma fase para outra pode ser obscurecida ou prolongada. Em nossa sociedade, as idades de entrar e sair da escola e de começar a trabalhar e se sustentar estão passando por grandes mudanças. Estamos longe da situação simples do Quebec rural, onde um menino passa a ser um homem quando, pela primeira vez, vai para o campo e consegue controlar um grupo de cavalos. Nesse dia, quando ele chega para jantar, vai comer com os homens e, antes de retornar ao campo, apanha um cachimbo de uma estante perto do fogão da cozinha e fuma uma cachimbada de tabaco plantado e curtido em casa, mesmo que isso quase o mate. No nosso caso, a formatura numa faculdade ou escola técnica pode ser presenciada por nossos próprios filhos. Um médico, em média, só estará estabelecido na vida depois dos trinta anos de idade. É, portanto, difícil dizer quando acaba a infância, quando começa e termina a adolescência, quando alguém realmente passa a ser um adulto. O princípio e os riscos da meia-idade são alterados por mudanças sociais e tecnológicas. Talvez as funções da terceira idade nunca tenham sido menos claras e definidas, apesar do fato de que há uma tendência crescente de padronização da idade de se aposentar do trabalho e um movimento para prover pensões e, assim, fornecer estabilidade econômica para todos.

Quando se trata de casamento, as mulheres de hoje correm um risco maior de não encontrar nenhum parceiro do que as mulheres de qualquer outra civilização. Mesmo assim, elas estão totalmente desprovidas de quaisquer defesas rituais e sem definições claras ou racionalizações para seu celibato compulsório. A confusão dos limites etários ou a ausência de momentos de clara mudança podem ser o que nos tornam pouco dispostos a reconhecer as mudanças de uma fase de vida para outra. É inegável, acredito eu, que nós detestamos reconhecer muitos desses momentos cruciais de passagem. Odiamos marcar a passagem de uma idade para outra com vestimentas e ornamentos, ou com formas de cumprimento e etiqueta. E, enquanto o psiquiatra está familiarizado com os rituais particulares através dos quais as pessoas tentam diminuir seu sentimento de culpa, nós detestamos em especial reconhecê-lo socialmente como algo que periodicamente requer uma

resolução cerimonial pública. Como Margaret Mead assinalou, tentamos até mesmo evitar a morte. O hospital moderno, em seu anseio de parecer um lugar onde todos os pacientes se curam, recusa-se a permitir que os parentes de seus pacientes se reúnam para uma cerimônia de partida da pessoa amada e condena o moribundo a uma solidão asséptica. Se houver algum triunfo na morte, a nossa geração não estará lá para vê-la. Já com relação ao luto, sentimos tanto medo de vesti-lo que acabamos nos corroendo em uma lamentação que, se continuar desta forma, nunca chegará a um fim decente, posto que jamais teve um começo adequado. Já tive amigos queridos que assim fizeram; assim também qualquer pessoa que faz parte daquela bem-intencionada geração que acredita que todas as coisas boas podem ser obtidas pela ciência, e todas as coisas más podem ser evitadas através da libertação de fórmulas e etiquetas antigas. São essas as pessoas que colocam em suas cabeças que qualquer coisa formal é fria – sem perceber que o cerimonial pode ser o manto que aquece o coração congelado, que uma fórmula pode ser a sólida bengala em que os membros trêmulos se apóiam, que ele pode ser uma casa na qual se pode abrigar decentemente até que se tenha a força e coragem para enfrentar novamente o mundo.

Quão horrível pode ser o sorriso de um homem que está sofrendo e contudo finge que tudo está bem, quão patética a postura tesa porém cambaleante de um homem que, por não saber compartilhar os seus problemas com os outros através das liturgias históricas, está a ponto de ruir sob elas. Quão patético também é o homem que, em seus tempos difíceis, é a expressão máxima daquele individualismo em que nós todos fomos criados – a insistência de que seus problemas são tão privados e únicos que nenhum unguento social pode aliviá-los.

O problema pode ter sido que, uma vez que acreditávamos no progresso, nas coisas se tornando cada vez melhores, não estávamos – nem estamos – dispostos a encarar a implicação de inevitabilidade contida na repetição de um rito. Um rito é algo que é “disparado”, por assim dizer, por um gatilho, por algo que acontece repetidamente. Observar um rito é, de certa maneira, uma confissão de que aquela ocasião poderá ocorrer repetidamente no futuro, assim como ocorreu no passado. É como se a magnitude das mudanças progressivas nos tivesse cegado para os limites dentro dos quais a mudança ocorre. A expectativa média de vida de uma criança quando nasce aumentou tão maravilhosamente que negligenciamos o fato de que o homem mais

velho atualmente vivo provavelmente não é mais velho do que o homem mais idoso que viveu nos tempos do grande César, nem é mais velho nos Estados Unidos, com seus progressos médicos, do que na atrasada Índia. Nossa saúde média é tão boa, que nos esquecemos que o homem continua tão mortal quanto sempre foi. E, na medida que a crença na vida após a morte diminuiu, nós, de forma bastante perversa, nos tornamos cada vez menos dispostos a nos importar com a morte em si. Aqueles que se encarregam da cura das almas – pastores, psiquiatras – podem falar melhor do pesado fardo e da aflição que devasta as almas das pessoas que, em nome da autoconfiança, emancipação, ou progresso, tentam agir como se não existisse o ciclo da juventude, maturidade, velhice e morte; nem os ritmos da paz e do conflito interior, da culpa e remissão, do pesar e da cura de suas feridas.

Comecei com algumas afirmações a respeito do calendário, passando daí a analisar a questão do ciclo de vida do indivíduo. Voltemos agora ao calendário, pois ambos estão intimamente relacionados. Movimentos revolucionários são invariavelmente inimigos do calendário vigente pela boa razão de que o calendário incorpora a memória social. Cada dia é pleno de significado; as datas e estações mais festivas reacendem as brasas dos sentimentos. O calendário é a urdidura do tecido social, percorrendo longitudinalmente o tempo e carregando e preservando a trama, que é a estrutura das relações entre os homens e as coisas que nós chamamos de instituições.

Os homens da Revolução Francesa tentaram interromper a urdidura da memória mudando os nomes dos dias e até mesmo dos meses. Foram mais além e tentaram quebrar o ritmo da própria vida, trocando o número de dias na semana e de meses no ano. Isso é algo lógico de se fazer quando se quer mudar completamente a sociedade. Sua relação com os ritos é óbvia.

Movimentos sectários, inclinados a revoluções religiosas, igualmente atacam o calendário. Na medida que seu objetivo é a purificação de uma religião antiga, eles vêem no calendário, e nos ritos marcados por ele, as cracas da tradição corrupta que se concentrou sobre o forte e limpo casco da sua doutrina e prática. Há ainda uma outra lógica por detrás do ataque sectário. Ela está sugerida em *Shape of the Liturgy* [Forma da liturgia], obra de Dom Gregory Dix, em um capítulo magnífico intitulado “The Sanctification of Time” [A santificação do tempo]. Os cristãos primitivos desenvolveram poucos aspectos do

calendário nos séculos antes de Constantino. Por quê? Porque eles eram um pequeno bando de fiéis mantendo-se em constante prontidão para o fim do velho e o início do novo. Eles não olhavam para trás. Já que o perigo da morte e da danação e a esperança na ressurreição de Cristo eram idênticos em todos os momentos de tempo — *Não sabeis nem o dia nem a hora* —, dever-se-ia estar igualmente em estado de graça a todo momento. Assim, um dia não poderia ser mais dedicado ao serviço de Deus do que outro. No decorrer do tempo, os cristãos fizeram um pouco as pazes com o mundo. Com o passar das gerações, eles começaram a acumular memórias, a anotar os ritmos e ciclos, a reconhecer que alguns dentre os santos são mais constantes do que outros, e até os melhores de nós temos nossos altos e baixos. Então, eles desenvolveram dispositivos para enfrentar as recorrentes crises menores da vida, enquanto esperavam pela grande crise final. É assim também com os repetidos reflorescimentos e movimentos pela purificação da religião. Alguns homens em estado de fervor concebem uma igreja em que todas as pessoas devam estar em constante fervor. Somente aqueles que estiverem cientes da sua condição perdida e que tiverem conscientemente se arrependido e aceitado a nova fé, apenas aqueles cuja devoção for verdadeira e completa, serão membros da verdadeira igreja. Esse ideal está descrito no famoso *A Letter Concerning Toleration* [Carta sobre a tolerância], de John Locke.<sup>4</sup> Ela foi encarnada, em sua forma original, nas reuniões dos quacres.<sup>5</sup>

Já que não se podia permitir que essa devoção pudesse ou devesse variar a cada momento ou a cada dia, não poderia haver feriados religiosos, nem ciclos, nem calendário. Assim sendo, Edmund Gosse conta, em *Father and Son* [Pai e Filho],<sup>6</sup> como seu pai, Philip Henry Gosse, jogou dentro da lixeira o pudim de Natal que tinha sido secretamente preparado com muito carinho para o garoto por uma simpática cozinheira. O pai era um daqueles crentes antigos que não aprovavam dias cristãos especiais e detestavam particularmente as festividades em nome da religião. As cerimônias de renovação religiosa implicam que a fé e o fervor esfriam e precisam ser reaquecidas, algo que o verdadeiro fanático sectário não pode permitir.

Do mesmo modo, já que entrar na Igreja é apenas uma questão de convicção racional, deve ser um ato único e catastrófico de uma pessoa na assim chamada idade da razão — daí o horror, tão comum entre grupos sectários rigorosos, ao batismo na infância. Edmund Gosse,



mais uma vez, relata seus devaneios de criança sobre qual prática terrível e pecaminosa residiria por trás do misterioso epíteto “batizado na infância”<sup>7</sup> – o temor ansioso de que qualquer coisa menor do que a inabalável chama do fervor é inimiga dos ciclos de crescimento e de mudanças de estado implicados numa série de ritos de iniciação e transição religiosos que começam na infância ou juventude.

Esses aspectos do cristianismo primitivo e da mentalidade sectária geralmente têm mais do que um interesse meramente histórico, pois a revolta sectária contra calendários e ciclos é algo que ocorre repetidamente. E, na frequência em que ela ocorre, os fatos da vida alcançam o grupo revoltoso rápida ou vagarosamente, pois até mesmo os extremistas têm filhos. Em teoria, a prole dessas pessoas santas pode permanecer fora da Igreja até serem violentamente convertidos quando atingirem a idade considerada “da razão”. Mas as pessoas não mantêm o coração assim tão endurecido quando se tornam pais. Além do mais, a conversão no curso do tempo tende a vir e a ser esperada numa certa idade, geralmente na adolescência. Um aluno batista me contou como, quando ele tinha quatorze anos, seus pais e o pastor claramente esperavam que ele estivesse completamente convertido entre o Natal e aquela época na primavera em que a água estaria morna o suficiente para um batismo ao ar livre em New Brunswick. Seus colegas da mesma idade, que pelo mesmo motivo estavam junto com ele numa classe especial, “foram iluminados” um após outro. Somente ele não recebeu nenhum sinal vindo do céu. Ele passou a sentir tanta culpa que finalmente se sentiu compelido a testemunhar ter passado por uma experiência que não vivenciou. As palavras fluíram facilmente a partir da fórmula que ele ouviu de outros testemunhos sobre o que se sentia durante a conversão. Ao longo das semanas que seguiram, ao mesmo tempo que durante o dia o menino se aquecia na luz do sol da aprovação geral, ele não conseguia dormir de noite, temendo que sua mentira fosse um pecado imperdoável. James Weldon Johnson conta uma estória parecida sobre a sua juventude de metodista negro na Flórida. Ele também mentiu, porém em forma de verso, e ainda fez uma carreira disso.<sup>8</sup>

Podéríamos continuar citando exemplos do desenvolvimento de calendários. As primeiras reuniões campais e de “renascimento” metodistas eram erupções do espírito, onde e quando Deus assim o desejasse. Mas, no tempo certo, Deus passou com frequência cada vez

maior a se satisfazer em ter as reuniões campais logo após a colheita, quando um alegre espírito coincidia com uma pausa no trabalho agrícola, e ter o renascimento ao final do inverno, quando tudo na vida era escuro e sombrio. Aos poucos, o renascimento fundiu-se novamente com a semana santa. Os gritos dos encontros de negros acalmaram-se em ritmos e cantos.

A lógica estreita da razão pura, de devoção inabalável, de igual consagração para cada dia, dá lugar aos ritmos e ciclos de nascimento, crescimento, declínio e morte. A insistência fanática de que todos os homens sejam igualmente fortes e constantes dá lugar a uma dose de caridade para com o jovem e o fraco e a mecanismos que tragam de volta à graça, depois de uma queda, tanto o fraco quanto o forte. Imagino que seja a dialética do tempo e da eternidade, do ideal absoluto e imutável e da realidade relativa e mutável.

A maneira pela qual qualquer sociedade ou época lida com essa dialética é uma das suas marcas distintivas, e estou convencido de que ela é uma das coisas que irão determinar os tipos de doenças da alma de que seus membros sofrerão.

No que se refere aos nossos próprios dias, William Graham Sumner<sup>9</sup> disse, já há meio século, que não gostamos mais de fazer juramentos, isto é, de termos compromissos com nós mesmos. Ele poderia ter adicionado que, em nome da emancipação e do respeito pelo indivíduo, não gostamos de nos comprometer pelos outros, nem mesmo por nossos próprios filhos. E, em todos os ritos de iniciação ou transição, há um comprometimento consigo mesmo, com outro, ou com ambos. Conheço mesmo uma mulher que não queria dar um nome a seus filhos, nem que fosse de forma provisória, para que, dessa maneira, eles tivessem a liberdade de escolher seus próprios nomes, de forma a se adequar a quaisquer noções que viessem a ter de si mesmos. Quando e se for possível controlar o sexo de uma criança, sem dúvida produziremos uma geração de hermafroditas por termos obrigado nossos filhos a uma identidade e a um fado que eles não escolheram.

Fico imaginando o que está por trás de tudo isso. Talvez o protestantismo sectário tenha perdido o fervor e a fé individual que permitiram que várias gerações magníficas de individualistas resistentes ficassem sem um calendário e sem o apoio, direcionamento e conforto da liturgia e dos ritos de passagem. Sem sua fé, mas com escrúpulo pelos sentimentos dos outros, sobretudo dos nossos próprios filhos, que

ossos predecessores imediatos careceram, não estamos dispostos a nos comprometer, e muito menos a comprometer nosso filhos a qualquer coisa, nem mesmo a uma identidade social. E, assim fazendo, roubamos o direito supremo e inalienável de toda criança: uma boa e sensata razão para fugir de casa. Essa é a última indignidade que o lar centrado na criança despeja sobre suas infelizes vítimas.

[Tradução e notas de Celso Castro e Marina Pombo de Oliveira]

#### NOTAS

<sup>1</sup> Traduzido do original “Cycles, Turning Points, and Careers”, incluído em *The Sociological Eye — selected papers* (Transaction Books, 2nd printing, 1993, p. 124-131). O texto foi originalmente preparado por Hughes para a VIII Conferência Anual sobre Teologia em Ação, realizada em Adelynrood, South Byfield, Massachusetts, setembro de 1950, e publicado pela primeira vez pelo National Council of the Episcopal Church em Nova York, 1952.

<sup>2</sup> Nesta passagem, o autor se refere à coletânea *The Sociological Eye*.

<sup>3</sup> Arnold van Gennep (1873-1957) autor de *Les rites de passage* (1909). Edição brasileira: *Os ritos de passagem* (Vozes, 1978).

<sup>4</sup> Publicado originalmente em 1689. Há tradução para o português na coleção “Os Pensadores” (Abril Cultural).

<sup>5</sup> Os quakers, membros de uma seita protestante que se autodenomina Sociedade de Amigos, recusam todos os sacramentos e a hierarquia eclesiástica e proibem os juramentos e o uso de armas. A palavra inglesa *quakers* é derivada do verbo “to quake”, “tremor”, uma referência ao temor a Deus ou ao êxtase da inspiração, durante as assembleias espirituais.

<sup>6</sup> Sir Edmund William Gosse (1849–1928) biógrafo e crítico literário inglês. Publicou *Father and Son* em 1907.

<sup>7</sup> *Paedo-baptist*, no original.

<sup>8</sup> Primeiro advogado negro do estado da Flórida, James Weldon Johnson (1871-1938) foi também escritor, jornalista e compositor.

<sup>9</sup> William Graham Sumner (1840-1910), pastor da igreja episcopal e professor de sociologia na universidade de Yale, foi o expoente do darwinismo social nos Estados Unidos. Contrário a qualquer tentativa governamental de intervenção econômica ou social, Sumner defendia uma versão radical de *laissez-faire*, justificando-a pelas leis da evolução. Seu principal livro foi *Folkways* (1907).